

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

2ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

VANIA ALVES DE ABRANTES

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

Os colunistas do Sinapse —Gilson Schwartz, 43, Gilberto Dimenstein, 46, e Rubem Alves, 69— abriram a “Semana Sinapse” com o tema “Por que a escola é chata?”, que tratou de assuntos como a utilidade dos conteúdos ensinados em aula e a dificuldade para adquirir conhecimento.

Dimenstein abriu a palestra e afirmou que o principal problema da escola é o fato de ser desconectada do cotidiano dos alunos, preparando-os não para a vida, mas para provas. O colunista da seção “Experimental” disse também que “só se retêm informações que dêem prazer ou tenham utilidade” e que “a escola está se tornando não apenas chata mas também inútil”. Para ele, isso acontece devido ao fluxo de informações em circulação. O conhecimento se torna obsoleto rapidamente e não é retido pela população. Isso traz consequências ao mercado de trabalho, segundo o jornalista: “Agora, você é contratado mais pela atitude diante do conhecimento do que pelo conhecimento em si”. Dimenstein sugere que, como cartões de crédito, diplomas tivessem prazo de validade e considera fundamental a educação permanente, que classifica de “quarto grau”. “O ato de aprender é o ato de lidar diariamente com o prazer da descoberta.”

Dimenstein considera possível encontrar salas de aula em diversos ambientes. “Dá para aprender matemática na marcenaria.” Como exemplo, apresentou um vídeo sobre um projeto que realiza oficinas com grafiteiros e dá a eles a chance de apresentarem seus trabalhos ao mesmo tempo que revitalizam áreas degradadas.

Em resposta a Dimenstein —“antítese”, como definiu—, o economista e sociólogo Gilson Schwartz afirmou que discorda da temática do debate de duas formas. De um lado, acha que pressupõe um juízo de valor. De outro, induz a crer que os estudos possam receber o tratamento de uma relação entre consumidor e objeto de desejo. Nesse sentido, considera até melhor que a escola seja chata.

Schwartz, que criticou a idéia de que é função das escolas qualificar para o mercado de trabalho, disse que há dois problemas na educação. O primeiro está ligado às emoções da

idade. “É difícil convencer o aluno de ir à escola”, afirmou o colunista da seção “Inteligências”. O segundo é de ordem intelectual. “Produzir conhecimento é difícil. Dói. É 1% inspiração e 99% transpiração”, afirmou. “Ler a Divina Comédia é prazeroso, mas não se faz isso tão rapidamente quanto assistir a um filme.” Schwartz diz que escola não é parque de diversões, e que não há aprendizado espontâneo e indolor. “Para aprender matemática, também é preciso resolver problemas no papel, fora da marcenaria.” Propondo um debate consigo mesmo, Schwartz disse que, por outro lado, a escola não deve ser necessariamente chata. Para isso, ela deve cuidar para que, em aula, o aluno não seja desvinculado do contexto em que vive e que o colégio se aproxime da comunidade. “Quanto mais relevante for para o estudante, menos chata a escola será”, disse. Mas ele advertiu para o fato de que a resposta de como fazer isso não é trivial.

Ao iniciar sua apresentação, o educador e psicanalista Rubem Alves fez uma ressalva à observação de Schwartz de que a escola não é um parque de diversões: “Há uma diferença entre ser interessante e ser divertido. Quanto mais interessante é a escola, mais disposta a sentir 'dor' a pessoa fica”.

Em uma palestra cheia de citações e metáforas, o educador fez remissão ao sentido bíblico da palavra “conhecer” —ter relação sexual. “Para conhecer, é preciso estar excitado.”

Alves acredita que a escola não precisaria ser chata. “A falha é querer ensinar o que criança não quer aprender”, disse, citando como exemplos dígrafos e orações subordinadas, assuntos que, segundo o educador, não têm nenhuma utilidade para os alunos. O conhecimento, segundo o colunista da seção “Sabor do Saber”, é como o crescimento físico. “Imagine uma cebola: o corpo está no meio, e o conhecimento vai-se acrescentando. A expansão do corpo excita porque é gostoso dominar o ambiente”, afirmou.

O colunista considera fundamental ao indivíduo conhecer o espaço em que atua. Por isso, segundo ele, é fácil e interessante aprender aquilo com que se relaciona vitalmente. Rubem Alves também criticou a divisão das atividades em aulas com tempo e assunto predeterminado. “O aluno tem 45 minutos para aprender português, 45 para matemática, 45 para história. Isso não é sofrimento, é burrice. (Folha de S. Paulo, 30/09/2003. Sinapse)

TEXTO GERADOR 2:

**Transcrição da Palestra do (ex) Ministro Pedro Malan no Seminário Internacional
Estratégias para a Superação da Pobreza**

Ministro Pedro Malan – Fiz questão de aceitar o convite para participar deste seminário, porque atribuo uma enorme importância ao debate público do tipo que vocês vêm tendo. Venho acompanhando pela imprensa ao longo dos últimos dias, e não queria perder a oportunidade de vir aqui expressar um pouco da minha visão sobre o tema ao qual atribuo enorme importância. O tema é “Estratégias para a superação da pobreza”, e me pediram que fizesse uma relação disso com os problemas da economia brasileira. Não vou aborrecê-los com mais uma exposição sobre a economia brasileira no início do século XXI. Estou convencido da importância dessa discussão de estratégia da superação da pobreza no contexto de uma percepção do Brasil como um país em construção. Li os textos de base desse programa e vi que eles expressam com clareza uma idéia que sempre tive como clara para mim de que este não é um problema de natureza puramente econômica. É um problema econômico, político, institucional, social, cultural e ético, e a razão é a seguinte: a meu juízo, infelizmente, apenas em um período relativamente recente, se olharmos sob a perspectiva histórica, nós, aqui neste país, passamos a considerar o grau de pobreza, indigência e desigualdade do Brasil, na escala em que as temos, como algo que é politicamente inaceitável, economicamente injustificável e moral e eticamente incompatível com o grau de civilização que acreditamos haver alcançado.

Marx dizia que uma sociedade só se coloca problemas que acha que pode resolver. Acho que hoje nós estamos claramente diante de um desafio. É algo que procurarei mostrar que está claramente ao nosso alcance, sem ilusões de que há atalhos, mágicas, piruetas que possam resolvê-los a todos.

O Brasil é um país em construção, como eu dizia, e nessa construção há quatro pilares ou quatro alicerces fundamentais. Vou me concentrar no quarto pilar, que é o relevante para a discussão de hoje, mas não posso deixar de mencionar os outros três porque

uma construção não se faz sem alicerces que têm que se suportar mutuamente. Quero mencionar os três porque nenhum deles é um fim em si mesmo, mas eles são essenciais para que o quarto alicerce possa ser erigido em bases sólidas.

O primeiro alicerce é relativo à estabilidade macroeconômica, sem a qual, como mostram as sociedades modernas, é impossível avançar na construção dos outros pilares. Não quero entrar em detalhes, já falei sobre isso em inúmeros outros contextos, mas, aqui, estou falando dos três regimes macroeconômicos básicos: um regime marcado pela responsabilidade fiscal, um regime marcado pela responsabilidade monetária, regime monetário, portanto, e um regime cambial, com flexibilidade bastante para absorver choques externos e permitir mudanças de preços relativos que aumentem a produção exportável e a produção doméstica competitiva com importações.

O segundo pilar é o da estabilidade político-institucional. As regras claras de um Estado Democrático de Direito, a previsibilidade e a clareza das regras que presidem o relacionamento entre os Poderes da República, com respeito a contratos, à transparência, à redução do grau de incerteza jurídica, em suma, tudo aquilo que configura um sistema institucional, que posso resumir em uma frase: a qualidade de um governo é indissociável da qualidade das instituições públicas de um país e da qualidade da sua sociedade civil, da maneira pela qual ela se expressa não apenas por ocasião de eleições, mas no dia a dia, no exercício de uma cultura cívica democrática, na defesa de direitos e no cumprimento de suas obrigações para com o resto da sociedade. Este pilar da estabilidade político-institucional, administrativa e jurídica é absolutamente essencial na construção de um país, volto a dizer, como mostra a experiência de qualquer país bem sucedido no mundo. Ele também não é um fim em si mesmo, é um pilar importante, e é uma condição essencial para que outros objetivos possam ser alcançados.

É sobre esse quarto pilar que gostaria de falar um pouco, porque é o relevante para a discussão de hoje, mas faço questão de mencionar os outros três porque, sem eles, é um ledão enganar imaginar que um país possa, de forma duradoura, consistente, consolidar um processo de redução de desigualdades, redução de pobreza e redução de indigência ao longo do tempo.

É um engano que espero que nós tenhamos definitivamente superado nesse país, e esse quarto pilar deve ser visto, portanto, em conjunto com os outros três, porque eles fazem parte de um processo indissociável de construção de um país no qual nós gostaríamos de viver.

O fato é o seguinte: apesar dos avanços que foram feitos existe, obviamente, um enorme espaço para um discurso de que há muito por fazer. E é verdade. O Brasil é um país injusto, desigual. Temos níveis de indigência e de pobreza que nos humilham e envergonham, ainda, diante do resto do mundo, e deveriam envergonhar as nossas ditas elites, e quero falar sobre isso um pouco mais adiante, mas o fato é que o muito que há por fazer não deveria obscurecer o feito. E o fato é que nós estamos hoje, quando se faz um balanço desapassionado e objetivo, melhor do que estávamos. Estamos, ainda, muito aquém daquilo que queremos ou a que podemos chegar, mas isso não deveria levar a uma situação em que se acha que o Brasil retrocedeu. Não retrocedeu. O Brasil avançou ao longo da década de 90 na esmagadora maioria dos indicadores sociais. É bem verdade que, em algumas áreas, como por exemplo segurança pública e criminalidade urbana, as coisas não melhoraram. Ao contrário, eu diria.

Mas isso é parte de uma discussão muito mais ampla, e acho que é uma visão meio simplória achar que isso se deve única e exclusivamente à condição de pobreza. É algo que estou convencido que será o tema dominante do debate econômico, político, social, no Brasil, ao longo dos próximos anos, que tem a ver com o papel do governo, federal, estadual e municipal. Como é que a sociedade vai enfrentar essa questão, essa preocupação, corretamente erigida como grande e fundamental desafio que nós todos temos, de reduzir os nossos excessivamente elevados índices de indigência, pobreza e desigualdade. Quais são as políticas públicas mais apropriadas para fazê-lo, e toda vez que se fala em política pública se discute questões de prioridade na alocação de recursos públicos escassos. Essa é a grande questão. É o grande desafio.

Se me permitem, quero concluir chamando a atenção para dois temas que me são caros. Um eu tenho certeza que foi tratado aqui, é a questão da importância do investimento na educação. Todos os trabalhos que vi sobre a tentativa de entender fatores responsáveis por

distribuições de renda no Brasil e em outras países mostram a importância fundamental da educação. Quase três entre cada quatro famílias que estão na faixa de pobreza, no Brasil, têm como chefe da família uma pessoa com menos de quatro anos de escolaridade formal. Portanto, se há um investimento que tem a mais alta taxa de retorno, do ponto de vista social, que um país possa fazer, é o investimento em gente, em educação. Hoje, há um acúmulo de evidência e de pesquisa internacional que mostra que os anos formativos, os primeiros anos, muitos anos antes dos seis, são absolutamente essenciais para definir o que uma pessoa pode vir a ser na vida, em termos da sua constituição básica. Sempre fui favorável à educação, desde a mais tenra idade, em particular para os mais pobres.

Estou me estendendo demais, não queria me estender. Vocês vieram aqui, para ouvir, na verdade, o que têm a dizer os demais participantes da mesa. Eu queria agradecer sinceramente o convite que me fizeram, pedir desculpas por esse longo discurso. Não tive tempo de escrever um texto, e se tivesse não o leria aqui, porque eu detesto ler discurso, mas eu queria agradecer a atenção com que me ouviram, cumprimentar os organizadores desse seminário, e agora temos que trabalhar. Há muito a fazer nessa área e eu queria expressar minha confiança na nossa capacidade de avançar mais no sentido de reduzir os aspectos negativos desse problema. Só para concluir, estarei torcendo para que o próximo governo seja bem sucedido em seus objetivos nessa área, porque eu penso no país, como todos os que estão aqui presentes. Muito obrigado pela atenção com que me ouviram e até a próxima.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 1

Assinale a alternativa que apresenta a substituição adequada – sem prejuízo de sentido – para o adjunto adverbial sublinhado no fragmento: “*Acho que hoje nós estamos claramente diante de um desafio*”, retirado do texto em análise seria:

- a) “*Acho que hoje nós estamos perfeitamente diante de um desafio.*”
- b) “*Acho que hoje nós estamos abertamente diante de um desafio.*”

- c) “Acho que hoje nós estamos sem dívida diante de um desafio.”
- d) “Acho que hoje nós estamos tranquilamente diante de um desafio.”

Habilidade trabalhada

Empregar marcadores discursivos (geralmente, muitas vezes...)

Resposta comentada

Gabarito **C**

Seria interessante o professor iniciar essa questão falando da importância dos marcadores discursivos como recurso de coesão textual. Eles são, frequentemente, representados por conjunções, verbos modais, modos do verbo, marcadores de foco entre as sentenças e parágrafos. Através deles, as ideias expressas se tornam mais claras e organizadas

Explicar que o gabarito certo é **C**, tendo em vista que “*claramente*” expressa sem dúvida nesta frase e as demais alternativas iriam mudar o sentido que o autor quis dar ao adjunto adverbial em análise.

BIBLIOGRAFIA

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática reflexiva: texto, semântica e interação**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005.

SARMENTO, Leila Lauer. **Oficina de redação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

REGISTRO DOS RESULTADOS PEDAGÓGICOS DECORRENTE DA IMPLEMENTAÇÃO DO ROTEIRO DE ATIVIDADES

Antes de iniciar o meu registro dos resultados, gostaria de agradecer o material disponibilizado neste ciclo, as sugestões dos colegas cursistas no “*fórum Problemas e Soluções*” e as orientações do tutor a respeito da leitura participativa, pois isto foi fundamental na aplicação do RA em sala.

A maioria das atividades desse ciclo foi trabalhada por mim na turma da seguinte maneira: primeiro, fizemos uma leitura participativa a fim de estimulá-los a uma discussão acerca dos temas abordados e tirar dúvidas frequentes de vocabulário. As dificuldades maiores foram nas questões discursivas que envolviam debate e escrita. Já a atividade de produção textual foi a mais complexa de ser realizada, porque exigia participação oral e conhecimento do assunto a ser abordado. A questão de múltipla-escolha não apresentou dificuldades maiores.

Em relação ao fórum, utilizei a sugestão da tutora da leitura participativa, pois isso estimulou e “*prende*” a atenção dos alunos no RA, facilitando a compreensão das questões.

Posso dizer que foi um trabalho de superação, levando em consideração o curso ser noturno e o cansaço que os alunos chegam à escola após um longo dia de trabalho.

Nessa nova versão, resolvi trabalhar com os mesmos textos devido ao sucesso dos mesmos na realização do trabalho. Espero que isso não atrapalhe muito minha nota final. Bjs.

OBS: Tutora, pensei que o primeiro texto fosse um debate entre pensadores – o livro que o retirei estava na parte de debate regrado – e o segundo fosse considerado uma palestra, por isso escolhi os mesmos para elaborar o RA.